



Daniela Seraphim Gonçalves

**Parentalidade no contexto da
conectividade digital: narrativas de
mães de adolescentes**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Andrea Seixas Magalhães

Rio de Janeiro,
Março de 2024



Daniela Seraphim Gonçalves

**Parentalidade no contexto da
conectividade digital: narrativas de mães
de adolescentes**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Profa. Andrea Seixas Magalhães

Orientadora

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Daniela Romão Barbuto Dias

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Monica de Vasconcellos Dias

Universidade Veiga de Almeida - UVA

Rio de Janeiro, 7 de março de 2024.

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial do trabalho, é proibida sem a autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Daniela Seraphim Gonçalves

Graduou-se em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Atua como psicóloga clínica. Se dedica aos estudos dos impactos das mídias digitais na subjetividade.

Gonçalves, Daniela Seraphim

Parentalidade no contexto da conectividade digital : narrativas de mães de adolescentes / Daniela Seraphim Gonçalves ; orientadora: Andrea Seixas Magalhães. – 2024.

56 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2024.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Parentalidade. 3. Adolescentes. 4. Conectividade digital. 5. Estratégias. I. Magalhães, Andrea Seixas. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Agradecimentos

À minha orientadora Andrea Seixa Magalhães, por ter me permitido realizar esse sonho e por ter me acompanhado em cada etapa desse trabalho com paciência, cuidado, acolhimento e disponibilidade para me ensinar.

À Mariana Matos, por toda contribuição e incentivo ao longo desse trabalho.

À banca, pela disponibilidade e valiosas contribuições feitas tanto no momento da qualificação quanto no encerramento.

À Carla Leitão, por me inspirar na escolha do tema.

À minha família, meu porto seguro, que sempre fez questão de acompanhar de perto todos os meus caminhos e escolhas. Em especial, aos meus pais e ao meu irmão, minha certeza.

Aos presentes que a PUC- Rio me deu Daniela Zibenberg e Letícia Costa, por dividirem as dores e as delícias desse processo.

Às participantes dessa pesquisa, por cada relato e pela confiança.

À CAPES e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Resumo

Gonçalves, Daniela Seraphim; Magalhães, Andrea Seixas. **Parentalidade no contexto da conectividade digital: narrativas de mães de adolescentes**. Rio de Janeiro, 2024. 56 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A parentalidade atualmente inclui o desafio de mediar o encontro dos adolescentes com os dispositivos eletrônicos. Esse estudo tem como objetivo investigar a prática da parentalidade diante da conectividade digital permanente e intensa gerada pelos avanços tecnológicos na contemporaneidade. De modo a alcançar o objetivo proposto, foi realizada uma pesquisa qualitativa na qual foram entrevistadas, em 2023, oito mulheres mães, residentes do Rio de Janeiro (RJ), com pelo menos um filho com idade entre 14 e 16 anos. Foi utilizado o método de análise do discurso desenvolvido por Braun e Clarke (2006). A partir da análise das falas das participantes emergiram quatro categorias de análise: *mediação parental no uso da tecnologia*; *desafios nos cuidados relacionados ao uso dos dispositivos eletrônicos*; *o papel do smartphone na vida do adolescente: uso excessivo*; e *conectividade digital na dinâmica familiar*. Os resultados apontam para o monitoramento das redes sociais e o diálogo como as principais estratégias utilizadas pelas mães entrevistadas para mediar o encontro dos filhos com os dispositivos eletrônicos, bem como para o uso excessivo dos dispositivos eletrônicos pelos adolescentes. Conclui-se que o maior desafio da parentalidade com relação à mediação do uso dos dispositivos eletrônicos por adolescentes é controlar o conteúdo acessado e o tempo de tela sem invadir a privacidade. Além disso, os *smartphones* desempenham um papel de relevância significativa nas vidas dos adolescentes e no contexto familiar, influenciando os padrões de comunicação e interação social e, em alguns casos, quando usados de modo excessivo, suscitam desafios à saúde mental.

Palavras-chave

Parentalidade; adolescentes; conectividade digital; estratégias.

Abstract

Gonçalves, Daniela Seraphim; Magalhães, Andrea Seixas. **Parenting in the context of digital connectivity: narratives of mothers with adolescents.** Rio de Janeiro, 2024. 56 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The current landscape of parenthood encompasses the challenge of navigating adolescents' engagement with electronic devices. This study aims to investigate parental practices in the face of continuous and intense digital connectivity stemming from technological advancements in contemporary society. To achieve the stated objective, a qualitative research was conducted in 2023, involving interviews with eight mothers residing in Rio de Janeiro (RJ), each having at least one child aged between 14 and 16 years. The discourse analysis method developed by Braun and Clarke (2006) was employed. From the analysis of the participants' statements, four categories of analysis emerged: parental mediation in technology usage, challenges in caregiving related to electronic device use, the role of smartphones in adolescents' lives: excessive usage, and digital connectivity in family dynamics. The findings highlight social media monitoring and dialogue as the primary strategies employed by the interviewed mothers to navigate their children's engagement with electronic devices, as well as addressing the issue of excessive device usage by adolescents. It is concluded that the major challenge in parenthood concerning the mediation of adolescents' electronic device usage lies in managing accessed content and screen time without infringing on privacy. Additionally, smartphones play a significantly relevant role in the lives of adolescents and within the family context, influencing communication and social interaction patterns. In some instances, when used excessively, smartphones pose challenges to mental health.

Keywords

Parenthood; adolescents; digital connectivity; strategies.

Sumário

1. Introdução	8
2. Adolescência conectada: estratégias parentais de mediação do uso da tecnologia	12
2.1 Método	17
2.2 Resultados e discussão	18
2.3 Considerações finais	25
3. Olhar materno sobre o uso dos <i>smartphones</i> pelos adolescentes	27
3.1 Método	31
3.2 Resultados e discussão	32
3.3 Considerações finais	38
4. Conclusão	39
5. Referências Bibliográficas	41
Anexo I: Tabela de informação das participantes	46
Anexo II: Roteiro de entrevista semiestruturada	46
Anexo III: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	48

1. Introdução

Em meu percurso profissional despertei o interesse em estudar a relação do sujeito com as mídias digitais. O meu interesse em pesquisar essa temática surgiu a partir da minha pesquisa de graduação, na qual eu estudei a relação dos jovens com as redes sociais digitais e percebi o quanto a tecnologia tem um grande impacto em suas vidas. No entanto, no mestrado, o intuito foi ampliar o foco para o impacto no sistema familiar com um olhar voltado para a parentalidade.

O conceito da parentalidade na área de família refere-se às distintas maneiras de exercer o cuidado com os filhos, marcadas por mudanças contemporâneas e novos arranjos familiares (Gorin *et al*, 2015). Pelo viés da psicanálise, a parentalidade vai muito além das funções biológicas, ela é resultante de um processo maturativo, de uma reestruturação psíquica e afetiva que possibilita aos adultos assumirem o lugar de pais, atendendo às necessidades de seus filhos nos níveis corporal, afetivo e psíquico. Esse processo mobiliza a reorganização dos investimentos narcísicos e objetivos, transformando a economia psíquica do sujeito (Lamour & Barraco, 1998; Lebovici, 2004; Magalhães, 2021).

O processo em direção à parentalidade pode ser dividido em três eixos, que definem a parentalidade através das dimensões psíquicas, afetivas e sociais (Houzel, 2004). São eles: o exercício da parentalidade, a experiência da parentalidade e a prática da parentalidade. O primeiro eixo destaca o exercício da parentalidade no sentido de transmitir os direitos e deveres prescritos pela sociedade, ele opera na regulação dos laços de parentesco, de filiação e afiliação, no senso de pertencimento e na transmissão familiar. É importante ressaltar que esses pontos mudam de acordo com a sociedade e com o tempo. O segundo eixo se refere à experiência da parentalidade que é parte inconsciente e parte consciente. Essa experiência opera desde o desejo de assumir um papel parental (que é, em parte, consciente) até o desejo de reparar os objetos parentais dos próprios pais (que é inconsciente). Por fim, o terceiro eixo, foco desse trabalho, diz respeito à prática da parentalidade, que está referida aos cuidados propriamente ditos, sejam físicos ou psíquicos, que vão mobilizar a afetividade da criança e dos pais. Solis-Ponton (2004) aponta que esse eixo envolve as tarefas

cotidianas que os pais devem executar junto à criança. Nesse contexto, entende-se por cuidados não apenas cuidados físicos, mas também os cuidados psíquicos.

O relacionamento parento-filial e as práticas de cuidados com os filhos se modificaram nos últimos anos com o surgimento e a difusão dos tablets, computadores e aparelhos celulares que são conectados à internet e apresentam novos impasses aos pais contemporâneos (Duek & Moguillansky, 2020). Nesse sentido, pensando na parentalidade a partir de um conjunto de valores e tarefas implicados na criação de uma criança (Bradley & Caldwell, 1995), torna-se importante refletirmos sobre como a internet impacta o relacionamento entre pais e filhos, visto que a presença maciça da tecnologia promove mudanças subjetivas (Nicolaci-da-Costa, 2002).

A presença marcante de dispositivos digitais no dia a dia das pessoas é evidente. Indivíduos encontram-se constantemente imersos na tecnologia, vivenciando cenas comuns, tais como adolescentes digitando freneticamente mensagens em ônibus, famílias em restaurantes com cada membro focado em seu celular, crianças registrando vídeos do *TikTok* durante o recreio escolar, adultos verificando *emails* em filas de bancos, e pessoas praticando exercícios físicos acompanhadas de relógios digitais.

As alterações que o mundo digital proporciona para o desenvolvimento da sociedade estão cada vez mais rápidas e exigem preparo. Dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil (2019) mostram que os jovens brasileiros estão literalmente conectados. Ressalta-se que 90% da população brasileira que possui entre 10 e 15 anos de idade acessam diariamente a internet. Entre jovens de 16 a 24 anos, 97 % acessam diariamente a internet. As crianças e os adolescentes necessitam de orientações em relação a cuidados diários, assim como também precisam de orientações com relação ao comportamento na internet e nas redes sociais digitais (Rocha & da Silva, 2021).

Em tempos em que a tecnologia se faz tão presente nos mais variados aspectos, em que os limites são confusos quando se trata do virtual, o quanto isso pode ser uma questão para adolescentes que já nasceram imersos na tecnologia e conexão? O tempo de tela nos aparelhos eletrônicos aumentou consideravelmente ao longo dos anos. Principalmente pelo fato de as telas serem uma forma de entretenimento para os adolescentes, substituindo as interações sociais presenciais e os momentos de convívio importantes para o desenvolvimento (Tana &

Amâncio, 2023). Esta é uma questão para a prática da parentalidade, que atualmente precisa incluir a preocupação sobre como moderar os encontros dos filhos com os conteúdos da mídias (Duek & Moguillansky, 2020; Neumann & Missel, 2019; Buratto & Glanzmann, 2016).

As relações entre pais e filhos passam por inúmeras alterações na medida que o ciclo familiar avança. No entanto, a entrada da tecnologia no cotidiano da vida familiar traz outras transformações. Nesse contexto, a prática da parentalidade, atualmente, inclui a preocupação sobre como moderar os encontros dos filhos com os conteúdos da mídia. A introdução e proliferação da tecnologia têm provocado transformações significativas nos hábitos familiares ao longo do tempo. A presença dos dispositivos eletrônicos, os smartphones e tablets, alteram a dinâmica dentro de casa. Esses dispositivos competem pela atenção dos membros da família criando novos desafios para a parentalidade que agora precisa mediar o acesso dos adolescentes aos dispositivos eletrônicos.

Desde o sistema familiar até as escolas, a generalização e a onipresença das ferramentas digitais influenciam profundamente as relações educativas, afetivas e sociais. As novas práticas digitais dos adolescentes levam os pais a questionarem suas práticas educacionais, incluindo qual lugar as telas devem ocupar no cotidiano do adolescente. A presença dos dispositivos eletrônicos na vida dos adolescentes desencadeia uma necessidade de acompanhamento por parte dos pais. As telas são onipresentes na vida cotidiana, por isso é essencial acompanhar os filhos (Dary, *et al* 2021).

A parentalidade voltada para a supervisão do uso dos dispositivos eletrônicos e, especificamente, a educação digital por parte dos pais tornaram-se centrais, visto que a utilização das tecnologias digitais se tornou onipresente no dia a dia de várias gerações. Essa questão é um desafio para os pais que tentam desenvolver uma função protetora para os usuários mais jovens. Sendo assim, atualmente a prática da parentalidade não pode ignorar a presença das ferramentas digitais e o fato de que existem diferenças geracionais quanto ao seu uso. A prevenção dos efeitos maléficos das mídias digitais passa pelo acompanhamento do uso dos dispositivos eletrônicos pelos adolescentes (Haddouk, 2021).

Nesse sentido, este estudo tem como objetivo geral investigar a prática da parentalidade diante da conectividade digital permanente e intensa gerada pelos avanços tecnológicos na contemporaneidade. Com relação aos objetivos

específicos buscou-se investigar a influência da conectividade digital na prática da parentalidade; conhecer as estratégias utilizadas pelos pais para mediar o acesso de adolescentes aos conteúdos digitais; e investigar o impacto da conectividade digital no sistema familiar.

Para realizar esse estudo, foi produzida uma pesquisa qualitativa na qual foram realizadas, em 2023, oito entrevistas com mulheres mães, residentes do Rio de Janeiro (RJ), com pelo menos um filho com idade entre 14 e 16 anos. Apesar de o intuito inicial ser investigar a parentalidade, ou seja, entrevistar homens e mulheres,, somente um participante homem se voluntariou para participar da pesquisa. Optou-se por descartar o material para garantir homogeneidade à amostra, mas, entende-se que o fato de apenas um homem ter se voluntariado para participar da pesquisa consiste em um resultado, que aponta para a dificuldade dos homens em falarem sobre o tema. Sendo assim, somente mulheres/mães foram entrevistadas. A faixa etária das entrevistadas variou entre 42 e 55 anos, e cinco tinham filhos do gênero masculino, duas tinham filhas do gênero feminino, e uma tinha um filho do gênero masculino e uma filha do gênero feminino (Anexo 1).

As entrevistas foram realizadas com um roteiro semiestruturado (Anexo 2), previamente elaborado pela pesquisadora com perguntas disparadoras sobre o tema. O material da entrevista foi transcrito na íntegra e analisado por meio das técnicas de análise do discurso desenvolvidas por Braun e Clarke (2006). Dessa pesquisa, emergiram quatro categorias: *mediação parental no uso da tecnologia; desafios nos cuidados relacionados ao uso dos dispositivos eletrônicos; o papel do smartphone na vida do adolescente: uso excessivo; e conectividade digital na dinâmica familiar*.

A discussão dos resultados da pesquisa foi apresentada em dois artigos, intitulados “Adolescência conectada: estratégias parentais de mediação do uso da tecnologia” e “Olhar materno sobre o uso do *smartphone* pelos adolescentes”. O primeiro artigo tem como objetivo discutir as estratégias utilizadas por mães de adolescentes no que diz respeito à mediação do uso da tecnologia. Para tanto, analisamos as categorias: *mediação parental no uso da tecnologia; e desafios nos cuidados relacionados ao uso dos dispositivos eletrônicos*. O segundo artigo tem como objetivo discutir os impactos do uso do *smartphone* pelos adolescentes na dinâmica familiar. Para atingi-lo foram discutidas as categorias: *smartphone na adolescência: uso excessivo; e conectividade digital na dinâmica familiar*.

2. Adolescência conectada: estratégias parentais de mediação do uso da tecnologia

Resumo

O artigo tem como objetivo discutir as estratégias utilizadas por mães de adolescentes no que diz respeito à mediação do uso da tecnologia. Foi realizada uma pesquisa qualitativa na qual foram entrevistadas mães com pelo menos um(a) filho(a) com idade entre 14 e 16 anos. Os resultados apontam para o monitoramento das redes sociais e o diálogo como as principais estratégias utilizadas pelas mães entrevistadas. Conclui-se que o maior desafio da parentalidade com relação à mediação do uso dos dispositivos eletrônicos por adolescentes é controlar o conteúdo acessado e o tempo de tela sem invadir a privacidade.

Palavras-chave

Estratégias; adolescentes; monitoramento; redes sociais; parentalidade.

Abstract

The article aims to discuss the strategies employed by mothers of adolescents regarding the mediation of technology use. A qualitative research was conducted, interviewing mothers with at least one child aged between 14 and 16 years old. The findings indicate that social media monitoring and open dialogue are the primary strategies employed by the interviewed mothers. It is concluded that the greatest challenge in parenting, concerning the mediation of electronic device use by adolescents, is to control the accessed content and screen time without infringing upon their privacy.

Keywords

Strategies; Adolescents; Monitoring; Social networks; Parenthood.

A intensa presença dos aparelhos digitais no cotidiano dos sujeitos é notável. Na atualidade, a tecnologia nos cerca a todo instante. Presencia-se cenas cotidianas nas quais vemos adolescentes no ônibus digitando rapidamente inúmeras mensagens de texto, famílias nos restaurantes com cada integrante olhando para o seu aparelho celular, crianças gravando dancinhas do *TikTok* no horário do recreio da escola, adultos nas filas do banco checando seus e-mails e pessoas realizando exercício físico com relógios digitais.

De acordo com pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros (2020), a pandemia intensificou o uso das tecnologias digitais no Brasil. Em 2019 a porcentagem de domicílios com acesso à internet era de 71%. Essa porcentagem subiu para 83% em 2020, o que corresponde a 61,8 milhões de domicílios com algum tipo de conexão à internet. É inegável que as mídias digitais foram a única forma de proporcionar um encontro com o outro durante a pandemia da COVID-19 e, por isso, tornaram-se ainda mais notáveis e transformaram-se na principal, se não a única, forma de encontro nesse período. A partir de então, cada vez utiliza-se os *smarthphones* para realizar as mais diversas tarefas, como trabalhar, estudar, fazer dever de casa, jogar, ler notícias, falar com os amigos e conhecer pessoas novas.

Entretanto, anteriormente à pandemia o tempo de uso de tela pelos adolescentes no Brasil já era considerado alto. Segundo a pesquisa TIC Kids Online Brasil 2019, divulgada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (NIC.br/CGI.br, 2019), cerca de 24 milhões de crianças e adolescentes, com idades entre 9 e 17 anos, já eram usuários de internet no Brasil em 2019, o que correspondia a cerca de 86% do total de pessoas dessa faixa etária no país. Torna-se evidente, portanto, que o tempo de tela nos aparelhos eletrônicos aumentou consideravelmente ao longo dos anos.

Contudo, sabe-se que a chegada das tecnologias gera consequências. Duek e Moguillansky (2020) afirmam que as famílias contemporâneas estão conectadas digitalmente e as telas visam tanto o entretenimento de todos os membros quanto às atividades formativas das crianças. Assim, apesar de a maior preocupação dos pais girar em torno da concentração das tecnologias nas mãos das crianças e adolescentes, eles também são usuários. Desse modo, à medida que o uso desses

dispositivos vai crescendo, surge a necessidade de desenvolver mais estratégias de mediação do uso da tecnologia.

Em um primeiro momento, o conceito de mediação parental designava estratégias com o objetivo de gerir o uso da televisão pelas crianças e adolescentes na tentativa de diminuir os possíveis impactos negativos (Clark, 2011). Com o avanço da tecnologia e da conectividade digital, essas estratégias atualizaram-se, de forma a se adequarem às constantes mudanças do mundo digital. No entanto, o objetivo é o mesmo: mediar o acesso das crianças e adolescentes à tecnologia (Mascheroni *et al.*, 2018). Nesse sentido, o termo mediação parental passou a ser usado para nomear o papel que os pais possuem em gerir o uso das mídias pelos seus filhos (Clark, 2011).

A mediação parental no uso da tecnologia consiste na prática da parentalidade - que está referida aos cuidados propriamente ditos, sejam físicos ou psíquicos - em relação ao uso dos dispositivos eletrônicos pelos adolescentes. O termo mediação parental é usado para descrever as interações entre pais e filhos – tanto por comunicação quanto estratégias comportamentais – relacionadas ao uso da tecnologia pelas crianças e adolescentes. Também inclui a responsabilidade dos pais por definir e aplicar regras sobre tecnologia e uso da internet para minimizar os impactos negativos da mídia e aumentar os benefícios do uso (Livingstone *et al.*, 2017). Sendo assim, os pais gerenciam o uso das mídias digitais pelos adolescentes por meio de ações com o intuito de restringir, regular e discutir o uso de mídias sociais pelos adolescentes (Beyens *et al.*, 2022).

As estratégias parentais que visam diretamente o uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs) pelas crianças e adolescentes desempenham um papel fundamental em seu desenvolvimento (Geržickáková & Mýlek 2023). Diversos estudos (Maidel & Vieira, 2015; Nathanson, 1999; Nathanson., 2001; Clark, 2011; Symons *et al.*, 2017; Beyens *et al.*, 2022) destacam três estratégias de mediação utilizadas pelos pais no que diz respeito ao uso da internet: mediação restritiva (MR), mediação ativa (MA) e co-uso, também chamada de uso acompanhado.

A mediação restritiva aponta para uma mediação que contém a instalação de regras, mas em que não há orientação dos perigos para crianças/adolescentes ou justificativa para restringir o uso (Maidel & Vieira, 2015; Nathanson, 1999).

Esse tipo de mediação pode incluir restrições acerca do tempo despendido, local de uso e conteúdo acessado. Nesse sentido, essa forma de mediação desempenha um papel restrito, mas ainda assim significativo na prevenção de resultados negativos gerados pelo uso da internet. Ela é eficaz na diminuição do tempo de conexão, e também na redução da exposição a conteúdos inapropriados para a idade (Collier *et al.*, 2016). A mediação ativa caracteriza um tipo de mediação na qual ocorre diálogo, orientação, discussão ou crítica, quando necessário, dos pais junto com o filho (Maidel & Vieira, 2015; Nathanson, 1999). Diz respeito à explicação e avaliação dos pais sobre o conteúdo da mídia e o uso da mídia em geral e tem como objetivo desenvolver o pensamento crítico no adolescente (Nathanson, 2001). Para isso, é preciso que os pais se impliquem e busquem maior conhecimento sobre o mundo digital (Geržičáková & Mýlek, 2023). Apesar de ser considerada como um fator protetor frente aos efeitos negativos das tecnologias relacionados à agressividade e a conteúdos inadequados para a idade, em relação ao tempo utilizado em atividades online a mediação ativa não apresenta influência significativa (Collier *et al.*, 2016). Sendo assim, os pais podem utilizar uma combinação desses tipos de mediações, discutindo os conteúdos e o tipo de comportamento cuidadoso que o adolescente pode ter no uso da internet, ao mesmo tempo em que restringe o acesso a horários e dias específicos (Schwartz & Pacheco 2021). Por fim, a mediação de uso acompanhado consiste na presença dos pais quando o filho faz uso do aparelho (Maidel & Vieira, 2015; Nathanson, 1999).

As relações entre pais e filhos passam por inúmeras alterações na medida em que o ciclo familiar avança. No entanto, a entrada da tecnologia no cotidiano da vida familiar traz outras transformações, como a facilidade e agilidade para se comunicar, o encurtamento das fronteiras, o compartilhamento de informação e, dependendo da forma de uso, a diminuição do diálogo (Neumann & Missel, 2019). Com isso, torna-se importante refletirmos sobre como as relações familiares, em especial as relações entre pais e filhos, têm sido influenciadas e modificadas pelas consequências produzidas pelos mais diversos usos da tecnologia.

Segundo a pesquisa McAfee (2022), o Brasil possui a taxa mais alta de uso de celular entre crianças e adolescentes do mundo. 96% das crianças brasileiras usam um dispositivo móvel/*smartphone*. Na faixa etária de 15 a 16 anos essa

porcentagem é de 96 %, configurando 6% a mais que a média global. Os pais brasileiros estão muito mais preocupados que os pais do restante do mundo com o tempo que seus filhos passam nos dispositivos eletrônicos. Nesse mesmo estudo (McAfee, 2022), os dados apontaram que dos 71% que disseram estar preocupados, 39% afirmaram estar “muito preocupados”. No Reino Unido apenas 11% afirmaram estar “muito preocupados”.

O relacionamento parento-filial e as práticas de cuidados com os filhos modificaram-se nos últimos anos com o surgimento e a difusão dos tablets, computadores e aparelhos celulares que são conectados à internet e apresentam novos impasses aos pais contemporâneos (Duek & Moguillansky, 2020). Nesse sentido, pensando na parentalidade a partir de um conjunto de valores e tarefas envolvidos na criação de uma criança (Bradley & Caldwell, 1995), torna-se importante refletirmos sobre como a internet impacta o relacionamento entre pais e filhos, visto que a presença maciça da tecnologia promove mudanças subjetivas (Nicolaci-da-Costa, 2002).

A adoção generalizada de *smartphones* e outros dispositivos eletrônicos móveis apresenta desafios únicos para o que constitui a parentalidade nos dias de hoje, com os pais também sendo usuários altamente ativos dessas tecnologias (Canale *et al*, 2023; Yuan *et al*, 2019). O uso inadequado e excessivo dos dispositivos eletrônicos pelos adolescentes pode gerar diversos riscos e alterações relevantes na saúde mental. Nesse contexto, pode afetar os hábitos alimentares, promover sedentarismo, aumentar a agressividade, levar ao uso ou abuso de substâncias, à depressão, a distorções da imagem corporal, a alterações no ciclo sono, à hiperatividade, à automutilação e a ideias suicidas (Sales *et al*, 2021).

Nesse sentido, se a colocação de limites é difícil quando se trata do espaço virtual, o quanto isso pode ser problemático para a relação de pais e filhos adolescentes que já nascem imersos na tecnologia e na conectividade? As crianças estão crescendo em ambientes altamente tecnológicos. Um dos maiores desafios encontrados pelos pais é gerir o uso das redes sociais pelos adolescentes e os seus efeitos (Beyens *et al* 2022). Computadores, celulares, relógios digitais, tablets, passaram a estar altamente presentes em todos momentos familiares, inclusive nos momentos de lazer. Com isso, é importante refletir sobre as dificuldades que os pais e mães encontram na mediação do uso da tecnologia com seus filhos. O

presente artigo tem como objetivo discutir as estratégias utilizadas por mães de adolescentes no que diz respeito à mediação do uso da tecnologia.

2.1 Método

Participantes

Foram realizadas oito entrevistas com mulheres mães, residentes na cidade do Rio de Janeiro (RJ), de classe média alta e com nível superior completo, com pelo menos um filho com idade entre 14 e 16 anos. A faixa etária das entrevistadas variou entre 42 e 55 anos, e cinco tinham filhos do gênero masculino, duas tinham filhas do gênero feminino, e uma tinha um filho do gênero masculino e uma filha do gênero feminino (um casal de gêmeos) (Anexo 1).

Procedimentos

Foram realizadas oito entrevistas online baseadas em um roteiro semiestruturado (Nicolaci-da-Costa *et al*, 2009; Hanna & Mwale, 2019) (Anexo 2), e as participantes foram recrutadas a partir da técnica de amostragem proposital (Weiss, 1995; Leitão & Prates, 2017); Foi realizado um contato inicial por e-mail ou pela ferramenta de mensagens instantâneas da preferência da pessoa (como *WhatsApp*, *Messenger*, etc.), no qual foram explicados os objetivos e o funcionamento da pesquisa e da entrevista, bem como o caráter voluntário da participação.

As entrevistas foram individuais e online, marcadas de acordo com a disponibilidade dos sujeitos. Para a realização das entrevistas, foi utilizada a ferramenta de vídeo de preferência da participante, dentre ferramentas já testadas e que atendem aos requisitos de registro (gravação), privacidade e segurança da informação, podendo ser o *Zoom*, *Skype* ou outra semelhante. Com a autorização das participantes, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas e analisadas. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo 3) foi apresentado às participantes no início da coleta de dados, contendo os devidos esclarecimentos sobre o estudo e informando sobre o sigilo das informações prestadas e a possibilidade de desistência da participação a qualquer momento do

estudo. Para a preservação do sigilo foram utilizados nomes fictícios.

Análise dos dados

O material da entrevista foi transcrito na íntegra e analisado por meio das técnicas de análise do discurso desenvolvidas por Braun e Clarke (2006). Estas, definidas como análise temática, envolvem seis passos: familiarização com dados; geração de códigos iniciais; busca de temas, revisão de temas, definição de temas e produção de relatório. Esse estudo faz parte de uma pesquisa mais ampla de dissertação de mestrado, cujo objetivo foi investigar a prática da parentalidade diante da conectividade digital gerada pelos avanços tecnológicos na contemporaneidade. Dessa pesquisa, emergiram quatro categorias: *mediação parental no uso da tecnologia*; *desafios nos cuidados relacionados ao uso dos dispositivos eletrônicos*; *smartphone na adolescência: uso excessivo*; *conectividade digital na dinâmica familiar*. Para atingir o objetivo do presente artigo, serão discutidas as categorias “mediação parental no uso da tecnologia” e “desafios nos cuidados relacionados ao uso dos dispositivos eletrônicos”.

2.2 Resultados e discussão

Mediação parental no uso da tecnologia

Nessa categoria buscaremos discutir as estratégias que as mães entrevistadas relataram utilizar para mediar o encontro dos adolescentes com a conectividade digital. As estratégias foram divididas em dois grupos: o de caráter quantitativo e o de caráter explicativo. O primeiro, considerado mais simples e objetivo, de caráter quantitativo, consiste em estratégias que visam a diminuição do tempo de conexão e/ou controle do conteúdo que o adolescente acessa. Essas estratégias são importantes e fundamentais para o controle da quantidade de tempo, acesso e conteúdo. O segundo grupo consiste em uma única estratégia, de caráter explicativo, o diálogo. Os dois grupos (o de caráter quantitativo e o de caráter explicativo) consistem em modos diferentes de controle, mas ambos são estratégias importantes e muito utilizadas pelas mães para mediar o encontro do adolescente com os dispositivos eletrônicos.

As mães relataram estabelecer regras sobre quando, onde e quais conteúdos os filhos podem acessar na internet. Para isso, elas usam as seguintes estratégias: controlar o tempo de uso do celular, controlar as horas no videogame, proibir jogar vídeo game em determinados momentos, desligar o *wi-fi*, usar o aplicativo *family link*, monitorar as redes sociais (quem segue, quais conteúdos acessa e o que posta) e proibir o uso da internet durante as refeições.

Ele só não pode sentar pra comer com o celular na mão não pode levar o celular na mesa. (Júlia)

Pois é ... a gente faz. Tem... então ele usa média diária de duas horas duas horas e meia de celular... É normalmente quando dá isso já tá na hora de tirar, já tá no final do dia... Porque ele sai da escola muito, faz futebol, faz vôlei, faz basquete, faz um monte de coisa. Quando ele chega em casa tem o jantar e aí ele faz um monte de coisa e quando ele vai pro celular já é mais tarde... (Vera)

Proíbo porque se ela só jogasse, tudo bem. Mas ela não. Ela começa a falar com as pessoas e aí e dali vai por whatsapp e aí ... começa porque ela não tem muito filtro e aí começa a expor a nossa família e hoje em dia isso é perigosíssimo. (Joana)

Assim, durante a semana é ideal é que ele não jogue. Então tem vezes que ele realmente não joga ,poucas vezes, mas quando ele joga geralmente ele senta pra jogar seis horas umas sete horas aí quando dá oito horas eu já falo “G. pode parar para vir jantar” ai ele para, ai ele janta ,ai ele volta ai eu deixo ele jogar até umas nove e pouco. (Júlia)

Essas estratégias visam o controle de tempo, acesso e conteúdo, corroborando o que foi apontado por autores como Maidel e Vieira (2015), Nathanson (1999;2001), Clark (2011), Symons *et al.* (2017) e Beyens *et al.* (2022). Assemelham-se à mediação do tipo restritiva (MR), que aponta para uma mediação que envolve a instalação de regras, mas na qual não há orientação dos perigos para os adolescentes ou justificativa dos motivos que envolvem a

necessidade dessas regras (Nathanson, 1999; Maidel & Vieira, 2015). Segundo Collier *et al.* (2016) essas estratégias são eficazes na diminuição do tempo que o adolescente passa conectado.

Dentre as estratégias que visam controlar o uso dos dispositivos eletrônicos, monitorar as redes sociais foi a mais mencionada pelas mães.

Quando ele tá dormindo eu vou lá pego a digital dele e coloco no celular e abro pra ver, e aí meio que não fiquei lendo tudo, mas assim deixa eu ver o grupo da escola se ele se comporta, sabe tipo? ah tá comportado. E aí entra no grupo que só tem meninos e aí aquele monte de besteira que menino fala, mas a minha preocupação era assim ... se tem alguém que eu não conheço, ou alguma pessoa estranha ... não é pra ver ele falar besteira, bobeira de escola, sabe? mas o dele é fechado, o Whatsapp, assim... (Júlia)

Aí eu já não vejo as conversas dele eu vejo mais é... quem tá pedindo pra ser amigo e, por exemplo, se ele posta uns stories que eu ... ele só posta coisa do flamengo e aniversário dos amigos, mas de vez em quando solta um palavrão, escreve um palavrão nos stories e aí na hora eu vejo e aí eu já mando pode apagar agora não é assim que se comunica não é tal, mas as conversas do Instagram de vez em quando assim quando ele tá eu passo um olho, mas não é uma coisa que eu fico frequente tomando conta não. (Júlia)

Na tentativa de acompanhar o uso, as mães fiscalizam as redes sociais de seus filhos entrando nos aplicativos. Dessa forma, conseguem saber e determinar com quem os filhos estão conversando, quem eles aceitam como seguidores nas redes e quais conteúdos eles consomem.

Os resultados do segundo grupo apontam para o diálogo como um outro tipo de mediação utilizado. Nesse sentido, o diálogo entre mães e filhos sobre o uso saudável da internet é utilizado como forma de mediar o uso da tecnologia pelos adolescentes e foi mencionado em 7 das 8 entrevistas. A partir dos relatos das mães percebe-se que o diálogo como estratégia se apresentou de duas maneiras: o diálogo baseado numa conversa empática, compreendendo as necessidades dos adolescentes; e o diálogo por meio do uso de

informações/reportagens que circulam nas mídias. O primeiro tipo de diálogo refere-se a uma conversa aberta para explicar sobre os possíveis perigos dos excessos da conectividade digital, visando um uso mais consciente por parte do adolescente.

A gente conversa, né? O tempo inteiro sobre isso, sobre internet, conteúdo, sobre as séries que ele assiste, sobre é... jogos que ele joga.
(Vera)

Mas a gente conversa bastante de ... de falar pra não acreditar no que as pessoas falam pelas as redes sociais porque você não tá vendo, você não conhece as pessoas então, assim, a gente sempre alerta muito para não confiar nos outros, assim sem saber, sem conhecer. (Carla)

... e aí eu resolvi relaxar em relação à censura e ... e aumentar mais o diálogo pra que ele crie uma consciência. Porque eu vi que ... ah a minha censura e o meu né ... não, não deixar fazer a utilização do uso do celular, jogo, tava criando uma... uma... uma distância muito rancorosa entre a gente e não ia ser é... ia nos afastar num momento tão importante de construção de personalidade dele. Então eu resolvi abrir mais o diálogo é ... mostrar mais as coisas como são no mundo, falar mais sobre elas pra poder ele aumentar a consciência. Foi o caminho que eu resolvi tomar.
(Lara)

Esse tipo de diálogo ajuda no desenvolvimento da capacidade crítica do adolescente e abre o canal de comunicação entre a mãe e o(a) filho(a). Esta estratégia consiste em uma forma de orientar o uso dos dispositivos eletrônicos através da conversa, discussão ou crítica, quando necessária. Sendo assim, possui como objetivo alertar e orientar o adolescente a respeito dos cuidados necessários com as redes sociais digitais. É uma estratégia utilizada também como forma de fortalecer o vínculo entre o adolescente e o cuidador. Essa estratégia se assemelha à mediação do tipo ativa (MA) (Nathanson, 1999; Maidel & Vieira, 2015).

No segundo tipo de diálogo, as mães utilizam informações divulgadas nas mídias/reportagens para alertar os adolescentes sobre os perigos do uso dos dispositivos eletrônicos.

... por exemplo, todo caso que tem, que fica muito divulgado na mídia, eu mostro. Você deve ter visto semana passada uma menina de 12 anos foi achada no Maranhão. Era aqui do Rio, o cara dizia que tinha 14 e se eu não me engano tinha 25 e levou ela pra lá. Tudo, tudo eu mostro pra F. Caso de pedofilia, das pessoas que são presas. Então ela sabe disso tudo, mas eu acho que é um poder que a internet tem que atrai muito, a gente compete muito com isso, os pais. Mas o que eu mais falo é isso “não confie em ninguém, não fale com ninguém, não pense que aquele mundo que você tá vendo a mulher toda linda, maravilhosa, que não tem filtro, que não tem.. sabe? Não é assim, as pessoas tem celulite, as pessoas tem estria, as pessoas tem problema, as pessoas às vezes acordam com o cabelo não muito legal, na maioria dos dias, não acredita” mas eu sinto que o outro lado me vence. (Joana)

A gente fala, é ... quando aparece na televisão alguma coisa, a gente, é ... conta o que aconteceu, conta histórias né de pessoas que tiveram... é ... que aconteceu alguma coisa ruim, aí a gente alerta. Acho que hoje em dia isso pode alertar, né? (Carla)

Por meio dos relatos das entrevistadas, foi possível perceber que o uso de reportagens/ informações divulgadas nas mídias possuem como objetivo dar mais credibilidade às suas falas como mães.

A coexistência de uma mediação restritiva para o controle de conteúdo e tempo e de uma mediação ativa para o desenvolvimento do senso crítico do adolescente apareceu nos relatos da maioria das entrevistadas. Somente 1 mãe demonstrou utilizar-se de uma dessas estratégias de forma isolada. Sendo assim, a maioria das mães mostrou vir tentando se utilizar de diferentes estratégias de mediação devido à preocupação diante do uso excessivo de telas pelos adolescentes na atualidade.

Desafios da prática da parentalidade frente aos avanços tecnológicos

No discurso das entrevistadas ficou evidente que as funções parentais têm sido mais desafiadas devido à crescente conectividade digital e à rapidez das transformações tecnológicas. Segundo as mães, os desafios diante da criação dos filhos em meio aos avanços da conectividade digital e diante do maior acesso à internet são, principalmente, conseguir controlar o tempo de tela e saber qual é o limite entre a privacidade do adolescente e o cuidado.

Então eu acho que meu maior desafio é tirar eles da frente das telas. Botar ele no mundo real e aí com isso eu tenho que tirar as telas, há uma guerra, um pequeno desconforto, um atrito para que ele tenha o movimento de sair e ir pro clube. (Rita)

Ah, então, eu acho que o desafio é esse mesmo de você ter um controle, o limite. Não é o controle, é o limite, o que é saudável e o que não é saudável. As horas...o tempo gasto. (Júlia)

Eu acho que é um desafio porque além de eles acharem que sabem das coisas a gente não consegue controlar muito bem esse tempo de acesso... é... eu sempre fico vendo assim que eu acho bacana mas ao mesmo tempo eu não tenho o controle. Eu perdi o controle do tempo que ela passa ali. (Lúcia)

Um dos maiores desafios encontrados pela parentalidade é gerir o uso das redes sociais pelos adolescentes e os seus efeitos (Beyens *et al* 2022). Controlar o tempo de tela dos adolescentes é uma preocupação para as mães, especialmente pelo fato de que a tecnologia desempenha um papel significativo na vida cotidiana dos adolescentes. As entrevistadas demonstraram preocupação com os malefícios do uso excessivo dos dispositivos eletrônicos:

... E eles não conseguem perceber esse limite, porque eles não conseguem ter a maturidade de entender o quanto aquilo pode ser maléfico em outros... é na questão da saúde, na questão do olho de ficar o tempo

inteiro olhando essas luzes muito perto, a questão cognitiva, mesmo porque eles perdem o interesse em ler um livro de papel, sabe? (Júlia)

O uso inadequado e excessivo dos dispositivos eletrônicos pode gerar diversos riscos e alterações relevantes na saúde mental e física dos adolescentes (Sales et al, 2021). O Brasil possui a taxa mais alta de uso de celular entre crianças e adolescentes do mundo (McAfee, 2022). As desvantagens resultantes do uso excessivo das mídias digitais pelos adolescentes são, de fato, motivos de preocupação. Torna-se evidente que é inviável pensar nas novas gerações desconectadas dos meios digitais, por isso há necessidade de uma ação conjunta de escolas, pais, responsáveis e comunidade em geral para desenvolver ações que contemplem claramente os riscos do mundo virtual (Sales *et al*, 2021).

A pandemia da COVID-19 intensificou o uso das tecnologias digitais no Brasil (TIC Domicílios, 2020). Sabe-se que as mídias digitais foram a única forma de nos proporcionar contato. Assim, essa questão vem preocupando as mães, que demonstraram dificuldade em equilibrar o tempo de tela tanto dos filhos quanto delas mesmas.

O meu maior é... problema é o equilíbrio, saber equilibrar essa quantidade. Eu acho uma coisa legal e importante e eu tenho essa dificuldade até comigo mesma, né? Eu chego do trabalho, jantei, as crianças jantaram, eu vou deitar aqui pra descansar e perco muito tempo aqui no telefone, olhando vídeo, é vendo vídeos da da... da minha profissão. (Lúcia)

As mães também mencionaram a dificuldade em encontrar um equilíbrio entre mediar os conteúdos acessados pelos adolescentes e ao mesmo tempo respeitar a privacidade e a autonomia deles. Com o objetivo de tentar mediar o acesso do adolescente às redes sociais, as mães relataram monitorar as conversas, os conteúdos e com quem eles estão conversando virtualmente.

Isso também é uma coisa bem complicada pra mim eu não sei até onde eu posso ir, quando eu começo querer visualizar os conteúdos dela, ver as conversas ela vem sempre debatendo comigo que é a privacidade dela. E aí

eu nunca sei esse equilíbrio, até onde eu ... e tendo que dar o espaço dela e até onde eu tenho que ir. Porque teve esses dias que eu falei que queria ver o wpp e ela falou “tudo bem você ver com quem eu converso, mas eu não acho que você tem o direito de ver as minhas conversas”... e aí ... e aí eu fico sempre num dilema, não sei.(Lúcia)

No início fazia, mas quando ele começou a se comunicar com os amigos no Whatsapp ele falou que se sente muito agredido de eu ver as conversas dele, é... que é falta de respeito com ele, com o mundo dele, com o espaço dele, aquelas coisas de adolescente. E aí eu comprei algumas brigas e aí ele ficou muito, muito raivoso comigo e eu deixei pra lá. (Lara)

A questão de os pais terem ou não a senha das redes sociais dos filhos é um assunto que merece uma reflexão mais aprofundada, pois envolve questões complexas relacionadas à privacidade, confiança e segurança. Na dúvida sobre o que fazer, uma das entrevistadas pediu auxílio à sua psicóloga e chegou à resolução de realizar o monitoramento ao lado de sua filha.

Então, como eu tenho assim diferente da minha mãe... eu acho que eu tenho um pouco mais de acesso a informação eu compreendo isso, né? Eu compreendo mas eu não sei... tanto que nesse dia eu mandei mesmo a mensagem pra minha psicóloga e eu falei “ gente como que eu vou fazer de uma forma respeitosa?”. Eu queria fazer de uma forma respeitosa. E aí o que que eu fiz, eu chamei ela e falei “ eu vou olhar do seu lado” e aí nisso a gente ficou a manhã inteira. (Lara)

A questão do controle do celular de um filho é complexa e delicada. As mães questionam-se sobre como realizar esse controle a fim de que não violem o direito à privacidade do adolescente. Por um lado, os adolescentes têm o direito à privacidade como forma de preservação da autonomia, fundamental para o processo de diferenciação nessa etapa do ciclo vital. Além disso, a invasão excessiva pode prejudicar a construção de um relacionamento de confiança entre pais e filhos. Por outro lado, os pais têm a responsabilidade de proteger seus filhos online; um desafio recente, sobre o qual os pais não têm referências prévias.

Percebeu-se a preocupação das mães em vigiar os conteúdos dos filhos de forma respeitosa. Contudo, 5 das 8 mães entrevistadas afirmaram ter a senha do celular do adolescente para supervisionar suas atividades online.

2.3 Considerações finais

Todas as mães entrevistadas utilizam estratégias com o intuito de mediar a relação dos adolescentes com os dispositivos eletrônicos e as redes sociais. Tanto a mediação restritiva, utilizada para um controle de conteúdo e de tempo, quanto a mediação ativa, utilizada para o desenvolvimento do senso crítico, são fundamentais no desenvolvimento de uma relação mais saudável do adolescente com os dispositivos eletrônicos.

Além disso, o diálogo desempenha um papel crucial na construção do vínculo entre a mãe e o adolescente. O estabelecimento de uma comunicação aberta permite que o adolescente se sinta confortável em expressar suas preocupações, dúvidas e compartilhar suas experiências no mundo digital. Esse canal de comunicação fortalece o relacionamento e ajuda o adolescente desenvolver consciência acerca dos impactos do uso da tecnologia em sua vida. Sendo assim, os pais podem utilizar os dois tipos de mediações, discutindo os conteúdos e o cuidado que o adolescente precisa ter no uso dos dispositivos eletrônicos, ao mesmo tempo em que restringem o tempo de acesso e os conteúdos.

Controlar o tempo de tela e encontrar um equilíbrio entre monitorar os conteúdos acessados pelos adolescentes e respeitar a privacidade e a autonomia apareceu como um dos maiores desafios encontrados na parentalidade em relação à mediação do uso da tecnologia. Sabe-se que os dispositivos eletrônicos se tornaram um local onde se armazenam informações íntimas. Nesse sentido, é importante refletir sobre até que ponto ter o controle do celular do filho é uma invasão da privacidade ou uma forma de cuidado.

As relações familiares, em especial as relações entre pais e filhos, têm sido influenciadas, ou até mesmo modificadas, pelas consequências produzidas pelos mais diversos usos da tecnologia. A forma como os pais realizam a supervisão do uso dos dispositivos eletrônicos pelos adolescentes interfere na relação. O equilíbrio entre cuidado e invasão com relação à supervisão do uso dos dispositivos eletrônicos varia de família para família. O diálogo aberto e a

confiança desempenham um papel fundamental na tomada de decisão sobre como controlar os conteúdos digitais que o adolescente acessa e a transparência contribui para o estabelecimento da confiança entre pais e filhos.

Conhecer as atividades online dos filhos pode ser uma maneira de proteção, de garantir que eles estejam seguros e não envolvidos em comportamentos prejudiciais. A idade e o nível de maturidade do filho é um fator a ser pensado. Crianças mais jovens precisam de mais supervisão e orientação, enquanto adolescentes mais maduros podem precisar de mais privacidade e autonomia. É essencial promover uma comunicação aberta sobre o uso responsável da tecnologia, riscos online e expectativas em relação à privacidade. É importante saber qual o objetivo ao monitorar o celular do filho e que eles estejam cientes, para que a confiança no vínculo parento-filial não seja abalada. A conectividade digital trouxe uma série de desafios e questionamentos para pais, filhos e a sociedade. É uma mudança rápida e constante que muitas vezes traz questionamentos sobre como lidar com questões de privacidade, segurança e sobre o impacto das redes sociais nas vidas dos adolescentes.

3. Olhar materno sobre o uso do *smartphone* pelos adolescentes

Resumo

O presente artigo tem como objetivo discutir os impactos do uso do *smartphone* pelos adolescentes na dinâmica familiar. Este estudo é um recorte de uma pesquisa mais ampla de dissertação de mestrado sobre a prática da parentalidade diante da conectividade digital. Trata-se de uma pesquisa qualitativa na qual foram entrevistadas, em 2023, oito mulheres mães residentes na cidade do Rio de Janeiro, com pelo menos um filho(a) com idade entre 14 e 16 anos. Os resultados desta pesquisa apontam, sobretudo, para o uso excessivo dos dispositivos eletrônicos pelos adolescentes, o que contribui para o aumento da ansiedade e para a diminuição do tempo de interação familiar. Conclui-se que os *smartphones* possuem um papel extremamente significativo nas vidas dos adolescentes e na dinâmica familiar, moldando a forma como se comunicam e se relacionam e, em alguns casos, quando usados de modo excessivo, representam desafios à saúde mental.

Palavras-chave

smartphone; adolescentes; dinâmica familiar; ansiedade

Abstract

The present article aims to discuss the impacts of adolescents' smartphone usage on family dynamics. This study is a subset of a broader investigation into parenting practices in the context of digital connectivity. It constitutes a qualitative research endeavor that involved interviews conducted in 2023 with eight mothers residing in the city of Rio de Janeiro, each having at least one child aged between 14 and 16 years. The findings of this study primarily indicate the excessive use of electronic devices by adolescents, contributing to heightened anxiety and a reduction in family interaction time. It can be concluded that smartphones play an extremely significant role in the lives of adolescents and family dynamics, shaping the way they communicate and relate. In some instances, when used excessively, smartphones pose challenges to mental health.

Keywords

Smartphone; adolescents; family dynamics; anxiety

A adolescência é um período do desenvolvimento humano repleto de transformações associadas à construção de um senso de identidade. Nessa etapa, a partir das mudanças na imagem corporal gerada pela puberdade, o jovem passa a desenvolver funções de um corpo adulto. Essas alterações geram uma série de questões biológicas, psicológicas e sociais (Levandowski *et al*, 2008). Nesse sentido, a adolescência representa a fase de descoberta dos próprios limites, de refutar os valores e normas familiares, além da profunda adesão aos valores do grupo de amigos. É, também, uma fase de rupturas, uma etapa marcada pela necessidade de integração social, pela busca de independência e pela definição mais clara da identidade social (Silva & Mattos, 2004).

Essa etapa caracteriza-se por complexas demandas que resultam na exigência de investimento emocional por parte do sujeito. Em geral, os conflitos dessa fase de vida dizem respeito à temática da diferença, do rompimento, e das transformações. Essa fase também corresponde à reedição da conflitiva edípica. Sendo assim, é uma etapa de importantes ressignificações, uma vez que escancara a necessidade de o adolescente renunciar aos objetos iniciais de amor e encontrar novos modelos de identificação (Ayub & Macedo, 2011).

Durante o período da adolescência o relacionamento entre pais e filhos é desestabilizado devido a novos modelos de referência que concorrem com os modelos iniciais transmitidos pela família. Os comportamentos, atividades e preferências culturais começam a ser moldados a partir do grupo de pares e caracterizam-se por uma adesão crescente à cultura das massas, em que as tecnologias digitais são um de seus principais vetores (Fontar *et al*, 2021).

A puberdade é uma fase fundamental de trabalho psíquico para viabilizar acessos e conquistas na vida adulta (Freud, 1905). É nela que se inicia o processo de escolha de objeto, baseado nas vivências da infância, e em que se faz presente a necessidade de que o indivíduo se diferencie dos pais por meio de novas identificações. Os movimentos de ruptura e de experimentação fazem parte do processo da adolescência (Freud, 1916). Desse modo, pensando na adolescência como um período marcado pelo afastamento da família, torna-se importante refletirmos sobre qual tem sido o papel da tecnologia nesse movimento.

Os adolescentes são nativos digitais e usuários ávidos das ferramentas digitais. O investimento nas tecnologias digitais é intenso e constante. Eles vivem e praticam o mundo digital e os aparelhos digitais são companheiros de sua vida

diariamente. As redes sociais trazem inúmeros benefícios à sociedade contemporânea, tais como: a aproximação entre pessoas de lugares distintos e a propagação rápida de informações. Por outro lado, quando o uso é feito de forma excessiva e irresponsável, podem se tornar—prejudiciais à saúde mental do adolescente. Há inúmeros perigos para a saúde emocional presentes no contexto da conectividade, como, por exemplo, o cyberbullying e a padronização estética vista em postagens e propagandas (Lorenzon *et al*, 2021). Nesse contexto, a forma e a frequência na qual as redes sociais são usadas refletem na autoimagem do adolescente e podem causar sintomas ou transtornos psiquiátricos (Silva & Della, 2023). Sampasa-Kanyinga *et al* (2016) apontam que as adolescentes que passam mais de 2 horas por dia nas redes sociais apresentam maior probabilidade de estarem insatisfeitas com seus corpos.

De acordo com Park e Kaye (2019), os usuários de *smartphone* afirmam que seu telefone se tornou uma parte indispensável de si mesmos e, portanto, influencia na sua identidade, de maneiras positivas e negativas. 46% dos proprietários de *smartphones* nos EUA acham que seu *smartphone* é algo sem o qual não podem viver (Smith, 2015). Quase 9 em cada 10 *millennials* dizem que seu *smartphone* nunca sai do seu lado (Zogby Analytics, 2014), e cerca de metade dos usuários em geral experimenta nomofobia, o medo de ficar sem seu *smartphone* (King *et al*, 2013; Yildirim *et al*, 2016; Notara *et al*, 2021; Esper, 2021).

Apesar de as ferramentas digitais ocuparem um papel muito importante para os adolescentes, quando o seu uso se dá de forma exacerbada, gera efeitos negativos (Esper, 2021). O uso inadequado e excessivo do celular pelos adolescentes pode gerar diversos riscos e alterações relevantes na saúde mental. Nesse contexto, pode afetar os hábitos alimentares, promover sedentarismo, aumentar a agressividade, levar ao uso ou abuso de substâncias, à depressão, a distorções da imagem corporal, a alterações no ciclo sono, à hiperatividade, à automutilação e a ideias suicidas (Sales *et al*, 2021).

Atualmente o termo nomofobia (*no mobile phone phobia*) é usado para se referir à preocupação ou medo que os indivíduos experimentam quando estão sem o seu telefone celular ou são incapazes de usá-lo. Nesse contexto, a nomofobia é considerada um distúrbio da sociedade digital e virtual contemporânea e refere-se a desconforto, ansiedade, nervosismo ou angústia causada por estar fora de

contato com um telefone celular ou computador. De um modo geral, é o medo patológico de permanecer sem conexão. Sendo assim, define-se nomofobia como um conjunto de comportamentos ou sintomas relacionados com o uso dos dispositivos eletrônicos que traduz um medo irracional de não conseguir usar estes dispositivos, o que conduz o indivíduo a evitar a possibilidade de isso acontecer (Notara *et al*, 2021; King et al, 2014; Esper, 2021).

O uso excessivo de *smartphones* por adolescentes é uma preocupação crescente e tem gerado impactos significativos na dinâmica familiar. As relações entre pais e filhos passam por inúmeras alterações na medida em que o ciclo familiar avança. No entanto, a entrada da tecnologia no cotidiano da vida familiar traz outras transformações, como a facilidade e agilidade para se comunicar, o encurtamento das fronteiras, o compartilhamento de informação e, dependendo da forma de uso, a diminuição do diálogo (Neumann & Missel, 2019). Essas transformações são vivenciadas pelos pais ou cuidadores. Deve-se levar em consideração que esses jovens adolescentes já nasceram imersos no contexto da conectividade digital, logo a conectividade sempre fez parte do cotidiano deles. Assim, as alterações são referentes à parentalidade. Torna-se evidente que é inviável pensar nas novas gerações desconectadas dos meios digitais. Desse modo, é importante refletir sobre o papel que o *smartphone* ocupa na vida dos adolescentes e a forma como eles usam. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo discutir os impactos do uso do *smartphone* pelos adolescentes na dinâmica familiar.

3.1 Método

Participantes

Foram realizadas oito entrevistas com mulheres mães, de classe média alta e com nível superior completo, residentes na cidade do Rio de Janeiro (RJ), com pelo menos um filho com idade entre 14 e 16 anos.. A faixa etária das entrevistadas variou entre 42 e 55 anos, cinco tinham filhos do gênero masculino, duas tinham filhas do gênero feminino, e uma tinha um filho do gênero masculino e uma filha do gênero feminino (um casal de gêmeos).

Procedimentos

Foram realizadas oito entrevistas online baseadas em um roteiro semiestruturado (Nicolaci-da-Costa *et al*, 2009; Hanna & Mwale, 2019), e as participantes foram recrutadas a partir da técnica de amostragem proposital (Weiss, 1995; Leitão & Prates, 2017). Foi realizado um contato inicial por e-mail ou pela ferramenta de mensagens instantâneas da preferência da pessoa (como *WhatsApp*, *Messenger*, etc.), no qual foram explicados os objetivos e o funcionamento da pesquisa e da entrevista, bem como o caráter voluntário da participação.

As entrevistas foram online, marcadas de acordo com a disponibilidade de cada participante. Para a realização das entrevistas, foi utilizada a ferramenta de vídeo de preferência da participante, dentre ferramentas já testadas e que atendem aos requisitos de registro (gravação), privacidade e segurança da informação, podendo ser o *Zoom*, *Skype* ou outra semelhante.

Com a autorização das participantes, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas e analisadas, ou seja, utilizadas apenas como registro. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi apresentado aos participantes no início da coleta de dados, contendo os devidos esclarecimentos sobre o estudo e informando sobre o sigilo das informações prestadas e a possibilidade de desistência da participação a qualquer momento do estudo. Para a preservação do sigilo foram utilizados nomes fictícios.

Análise de dados

O material da entrevista foi transcrito na íntegra e analisado por meio das técnicas de análise do discurso desenvolvidas por Braun e Clarke (2006). Estas, definidas como análise temática, envolvem seis passos: familiarização com dados; geração de códigos iniciais; busca de temas, revisão de temas, definição de temas e produção de relatório. Esse estudo faz parte de uma pesquisa mais ampla de dissertação de mestrado, cujo objetivo foi investigar a prática da parentalidade diante da conectividade digital gerada pelos avanços tecnológicos na contemporaneidade. Dessa pesquisa, surgiram quatro categorias: *mediação parental no uso da tecnologia*; *desafios nos cuidados relacionados ao uso dos dispositivos eletrônicos*; *smartphone na adolescência: uso excessivo*; e

conectividade digital na dinâmica familiar. As duas últimas categorias serão discutidas neste artigo e as demais categorias foram discutidas em outro artigo.

3.2 Resultado e discussão

Smartphone na adolescência: uso excessivo

É inviável pensar nas novas gerações desconectadas dos meios digitais. Em todas as entrevistas o celular foi mencionado como um dispositivo eletrônico imprescindível na vida do adolescente, como algo que impacta na construção da sua identidade. Estudar, marcar encontros com os amigos, socializar, fazer trabalhos em grupos da escola, e se entreter são algumas formas de uso que os adolescentes fazem do celular. Sobre o papel que o celular ocupa na vida dos adolescentes, as mães disseram:

Se eu tento tirar o telefone, aí é uma briga muito grande, é um problema grande, é como se eu não amasse... (Lúcia)

Eles não vivem sem celular, né Daniela? Não sabem viver sem celular. Eu reclamo disso muito com ele. (Rita)

Ela diz que eu fico reclamando... ela “ah que saco, como você fica reclamando o tempo todo disso”, mas depois ela vai fazer o prato de comida com o celular na mão. Tipo não consegue largar o celular. Aí eu: “vou te desafiar a ficar 15 minutos sem o celular” aí ela falou “claro que eu consigo” mas ela não consegue, ela tá muito viciada. (Carla)

Conforme Leroux e Leboe (2015) apontaram, os dispositivos eletrônicos desempenham um papel significativo na vida dos adolescentes hoje em dia, oferecendo inúmeras oportunidades de comunicação, entretenimento, aprendizado e conexão com o mundo. Esses autores corroboram com a percepção das mães que mencionam que a tecnologia desempenha um papel central na vida dos seus filhos e, em particular, o celular se apresenta como um dispositivo eletrônico essencial.

Agora é uma coisa assim que se tornou absolutamente visceral para eles, é um modo de vida que eles adotaram de uma maneira visceral. De todos fazerem, todos querem estar familiarizados e de se comunicarem através desses dispositivos. (Lara)

Os adolescentes investem continuamente na tecnologia. Nesse sentido, os impactos do uso das tecnologias digitais pelos adolescentes levantam reflexões sobre os benefícios e malefícios para o seu desenvolvimento social, cognitivo e afetivo (Sales *et al*, 2021). Somente 3 participantes destacam alguns dos benefícios do uso dos dispositivos eletrônicos pelos filhos. Segundo elas, o acesso à informação, aumento do senso crítico, aproximação dos membros da família e o uso dos aparelhos como ferramenta para estudar são fatores positivos do uso dos dispositivos eletrônicos pelos adolescentes.

Então assim ela influencia por esse lado, ela faz com que ele se torne mais crítico, ele sabe muito mais do que eu e o pai. (Rita)

E o tablet hoje virou o amigo dele inseparável porque no próprio tablet ele consegue fazer as provas, provas de concursos anteriores, baixa livro e ali mesmo faz exercícios . (Maria)

Por outro lado, todas as participantes citaram pelo menos um impacto negativo do uso dos dispositivos eletrônicos pelos adolescentes. Uma das mães afirma que vê poucas vantagens e muitas desvantagens. Os impactos negativos citados pelas entrevistadas foram: perda de interesse nos estudos, diminuição da interação social, diminuição da paciência, tempo excessivo diante das telas, aumento da ansiedade, causa de depressão, problemas na saúde visual, alteração do sono, dificuldade de concentração, diminuição da interação com os membros da família, conflitos para controlar o tempo de tela e perda de interesse em outras atividades como ler livro ou assistir um filme.

Eu acho que... as relações elas acabam ficando mais distantes. Por exemplo, se ele der mole ele fica dentro do quarto e ele não desce e ele não vai ter contato com ninguém. (Rita)

... é na questão da saúde, na questão do olho de ficar o tempo inteiro olhando essas luzes muito perto, a questão cognitiva, mesmo porque eles perdem o interesse em ler um livro de papel. (Júlia)

Então assim... eu acho que quando a gente tá em casa é... ele fica muito no videogame então é uma pessoas que a gente não vê. (Vera)

... Eu sinto isso no meu filho, ele não vê mais um filme inteiro, ele não vê um filme inteiro, ele fica no celular. Aí a gente tira o celular. “Olha só tem que sentar aqui e ver um filme de duas horas, não é possível que você não consiga”. (Vera)

O acesso à informação proporcionado pela tecnologia é destacado por 3 entrevistadas como algo positivo. Entretanto, esse mesmo fator foi mencionado por 2 mães como algo negativo. As mães que afirmam que o acesso à informação é benéfico para os adolescentes acreditam que a facilidade do acesso a diferentes conteúdos amplia o conhecimento dos seus filhos uma vez que proporciona rápido acesso a uma variedade de temas.

A tecnologia influencia na... em todo conhecimento que ele tem sobre carros. Esse interesse que ele tem por carros. E influência sobre todo o interesse dele sobre o mundo, conhecimentos dele de guerras do mundo.(Rita)

... e ele pode obter mais conhecimento sobre aquilo se ele quiser, através da internet . (Júlia)

... assim a tecnologia tem um lado facilitador, né? porque facilita muito mais coisa. Ele tem muito mais acesso às informações do que eu tinha, não vou nem falar eu, porque eu já tô com 49, vamos dizer que eu tenho tribos de 35 anos. (Maria)

Todavia, 2 mães mencionaram esse mesmo fator como algo negativo. Uma delas acredita que os adolescentes não possuem maturidade para terem acesso a essa ampla variedade de informações e outra acredita que esse fator é causador do aumento da ansiedade.

mas agora tem esse agravante de um celular que eles se acham maduros e conhecedores e cheio de inteligência e conhecimento e uma facilidade muito grande das coisas chegarem, da informação chegar. Agora então o dever de casa podendo ser feito pelo sei lá um robô, ou pro ifood chegar, pro uber chegar, tudo você pede, tudo você liga, né? não se conquista mais nada, não se ... não sei... não se espera por mais nada. (Vera)

É ... eu vejo um lado muito negativo porque é muito viciante e cria uma ansiedade absurda. Muito estímulo. E assim como é tudo muito rápido, muita informação. (Joana)

O *smartphone* desempenha um papel crucial no desenvolvimento da identidade dos adolescentes, oferecendo oportunidades para expressão individual e socialização online. No entanto, conforme mencionado por Sales *et al* (2012) e Esper (2021) o uso excessivo apresenta desafios significativos para a saúde física e mental. Apesar de as mães entrevistadas demonstraram grande preocupação com o uso excessivo dos *smartphones* pelos seus filhos adolescentes, apenas 1 mencionou preocupação com os riscos relacionados à saúde mental do adolescente, sinalizado pelo autor Sales *et al* (2021). Essa participante menciona ter preocupação com questões relacionadas à depressão, ansiedade e a comparação da imagem corporal.

E é muito perigoso, entendeu? É eu vejo pelo outro lado também que pode trazer além da ansiedade, uma depressão. Porque ninguém é igual, sabe? Ninguém é igual. E quem disse que a pessoa tem que ser magra, com barriga chapada, lipoaspirada, que se não tiver cabelo falso não é legal, unha, sabe? Tem que ser assim, esse biotipo foi criado agora. (Joana)

As redes sociais desempenham um papel significativo na construção da autoimagem dos adolescentes, e o uso excessivo dessas plataformas aumenta a probabilidade de que as adolescentes se sintam desconfortáveis com seus corpos (Silva e Della, 2023; Sampasa-Kanyinga *et al.*, 2016). Portanto, a exposição

excessiva a imagens idealizadas e padrões de beleza nas redes sociais pode ter impacto na maneira como os adolescentes percebem a sua imagem.

Conectividade digital na dinâmica familiar

As tecnologias estão muito presentes no cotidiano das famílias. Aparelhos como computadores, celulares, tablets e relógios digitais estão presentes em praticamente todos os momentos da vida familiar. A tecnologia influencia as relações parentais tanto por aspectos positivos quanto negativos (Neumann & Missel, 2019). As entrevistadas apontaram para os dispositivos eletrônicos como responsáveis pela diminuição do tempo de interação entre os integrantes da família e pela divisão da atenção que oferecem uns aos outros quando estão online. Sobre as mudanças na dinâmica familiar relacionadas à conectividade digital, as mães disseram:

Ah modifica ... A gente fica mais distante. Se não tivesse a televisão no quarto, se não tivesse jogo obrigatoriamente o Ricardo estaria na sala, tendeu? (Rita)

Ah, eu acho que modifica porque a gente tem que ficar pedindo “Matheus sai do celular, fica um pouquinho com a gente”, “Ah, mas eu vou conversar o que” “Ah, sei lá, a gente conversa qualquer coisa. O que que você quer conversar?”. Aí ele vem, larga o celular e vem. Fica meia hora, aí daqui a pouco ele dá um jeito e já fugiu. Então, assim, é... a gente ... tem vezes que eu mando desligar o celular pra gente jogar um jogo de tabuleiro... (Júlia)

Então assim... eu acho que quando a gente tá em casa é... ele fica muito no videogame, então é uma pessoa que a gente não vê. (Vera)

Eu acho que sim, porque o tempo que ele tá olhando, ou eu tô olhando, ou o meu marido, a gente poderia estar falando ou conversando. (Lara)

Ah sim. Hoje em dia tá ... eles têm ... cada um num quarto, televisão no quarto, celular né... computador, aí eles acabam cada um dentro da sua casa, do seu mundo e a família, acabou a família. (Carla)

A partir das falas das mães entrevistadas pôde-se perceber que os dispositivos eletrônicos influenciam na diminuição da quantidade de tempo que o adolescente passa com a sua família. Um outro ponto é a necessidade de as mães cobrarem o adolescente para desligar ou se afastar dos aparelhos para que ocorram momentos em família sem a presença dos mesmos. Nesse sentido, o afastamento dos eletrônicos não ocorre de forma espontânea. Por outro lado, conforme Silva e Mattos (2004) afirmam, a adolescência é uma fase de transição e de rupturas. Essas rupturas que já são características da fase da adolescência acabam se intensificando com a entrada dos dispositivos eletrônicos que facilitam o afastamento emocional e a redução da interação entre os pais e os adolescentes.

É um desafio, eu acho enorme assim e realmente é muito grande. E com consequências sérias e têm um afastamento. A adolescência já tem um um fechar a porta natural, um mundinho deles natural, que eu acho que tem que ser respeitado... só que tem, a gente tem sabe assim um... puxa solta, puxa solta e aí puxa de novo. Tem um aprendizado aí bem complicado é... porque eu acho pra mim como mãe eu acho complicado. Na adolescência eles querem ficar mais com os amigos, realmente tem essa separação da família. E a tecnologia também deixa eles dentro de uma bolha, então até que ponto isso é da adolescência ou do celular (Vera).

A adolescência é uma fase de transição que envolve ressignificações e redefinição de identidade (Ayub & Macedo, 2011). É nesse período que os adolescentes naturalmente distanciam-se das figuras parentais e buscam novos modelos e referências. A conectividade digital na dinâmica familiar é usufruída por todos os membros e, em especial, pelos adolescentes. Embora seja natural que o tempo de interação entre pais e adolescentes diminua, os dispositivos eletrônicos desempenham um papel coadjuvante nesse distanciamento.

Aponta-se também como resultado dos impactos da conectividade digital uma transformação na experiência temporal dos sujeitos. De acordo com as mães,

o tempo torna-se mais fragmentado e multidimensional durante a adolescência conectada. Assistir filmes completos ou vivenciar períodos prolongados sem a interferência da conectividade digital está se tornando uma raridade.

... Eu sinto isso no meu filho, ele não vê mais um filme inteiro, ele não vê um filme inteiro, ele fica no celular. Aí a gente tira o celular. “Olha só tem que sentar aqui e ver um filme de duas horas, não é possível que você não consiga”. Eles vão perdendo concentração, gente. É ... organização, é muito sério mesmo. É então é um trabalho que ... quando eu percebi isso, quando a gente vai ver um filme juntos a gente tira o celular de todo mundo. Vamos só ver o filme. Porque... eu percebi quando ele vê um filme sozinho ou uma série sozinho ele passava... aí é essa facilidade que nem ... não tem nem propaganda, não tem espera, não tem espera pra nada, é tudo imediato. E além de tudo “ah essa cena tá chata, vou passar”.
(Vera)

O maior problema meu com ele é o celular. Porque o celular parece que faz parte do corpo dele, ele vai no banheiro, ele leva o celular, ele tá escovando o dente, ele tá olhando o *Tik Tok*, ele tá no vaso, ele tá com o *Tik Tok*, ele só não pode sentar pra comer com o celular na mão e não pode levar o celular na mesa. (Júlia)

Atualmente vemos ocorrer uma transformação na percepção do tempo, uma vez que o tempo de espera sem a interferência das informações que chegam através dos dispositivos eletrônicos parece cada vez mais insustentável, principalmente para os adolescentes. A conectividade digital tem desafiado a realização de práticas como assistir filmes e ler livros. A ascensão de plataformas como *Tik Tok*, que oferece vídeos curtos, também é responsável por esse desafio. Essa plataforma tem introduzido uma dinâmica diferente, fragmentando a experiência temporal em intervalos mais curtos e interativos.

Nesse sentido, a conectividade digital transformou a vivência do tempo de espera, que hoje frequentemente é preenchido com microinterações digitais. Aguardar algo tornou-se uma oportunidade para verificar notificações, assistir

vídeos curtos, atualizar o *feed* do *Instagram*, ou seja, estar conectado. Essa redefinição do tempo de espera, que agora é atravessado pela conectividade digital, influencia a maneira como percebemos o próprio tempo - que parece ser mais lento quando não é preenchido pela conectividade. A conectividade digital parece estar contribuindo para que nossos jovens não desenvolvam a habilidade de esperar.

... a questão do tudo muito rápido, tudo muito pra ontem, tudo muito é...
essa acessibilidade em várias telas vários momentos traz essa falta de paciência. (Rita)

A facilidade de acesso à informação e entretenimento por meio dos dispositivos digitais cria uma sensação de gratificação instantânea. Os adolescentes são acostumados a receber respostas imediatas, o que pode fazer com que não desenvolvam a capacidade de esperar, fundamental às trocas humanas. A comunicação digital facilita uma conexão extremamente rápida entre os adolescentes. Nesse sentido, torna-se evidente que a espera por uma resposta não imediata é mais difícil de tolerar pelos adolescentes.

3.3 Considerações finais

O processo de transição na busca por autonomia e independência caracteriza a adolescência. Essa busca leva a um afastamento esperado dos pais, que é intrínseco ao processo de individuação, à medida que os adolescentes exploram sua identidade. Nesse sentido, o uso de *smartphones* pode ser uma forma de busca por independência, oferecendo aos adolescentes uma maneira de se conectar aos seus pares.

Os resultados desta pesquisa mostraram que os dispositivos eletrônicos, e, em especial, os *smartphones* possuem um papel significativo na vida dos adolescentes, moldando a forma com que eles se comunicam, influenciando as suas relações sociais e, em alguns casos, apresentando desafios à saúde mental.

Constatamos que o uso dos *smartphones* pelos adolescentes é qualificado como excessivo pelas mães e que os impactos negativos do uso dos dispositivos eletrônicos foram mais ressaltados do que os impactos positivos. As entrevistas

revelam que os impactos negativos são: perda de interesse nos estudos, diminuição da interação social, diminuição da paciência, tempo excessivo diante das telas, aumento da ansiedade, causa de depressão, problemas na saúde visual, alteração do sono, dificuldade de concentração, entre outros. E os impactos positivos são: o acesso à informação, aumento do senso crítico, aproximação dos membros da família e o uso dos aparelhos como ferramenta para estudar.

Além disso, os impactos da conectividade digital sobre a percepção do tempo são evidentes, a partir do olhar das mães entrevistadas. A experiência temporal sem a interferência digital torna-se raridade e a transformação na percepção do tempo reflete na dificuldade dos adolescentes em esperar. Nesse sentido, a conectividade digital redefine o tempo de espera, preenchendo-o com microinterações digitais, o que, por sua vez, contribui para a falta de paciência e para a falta de recursos para lidar com a espera, especialmente entre os adolescentes.

Por fim, concluímos que é de suma importância que os cuidadores e os adolescentes estejam cientes dos desafios que o uso dos dispositivos eletrônicos proporcionam para que estabeleçam limites saudáveis visando à promoção de equilíbrio entre a vida online e off-line. Ademais, a busca por um uso responsável das redes sociais, a educação digital e o apoio emocional são essenciais para promover apoio aos adolescentes neste cenário digital em constante evolução.

4. Conclusão

O presente estudo teve como objetivo investigar a prática da parentalidade diante da conectividade digital permanente e intensa gerada pelos avanços tecnológicos na contemporaneidade. Os resultados dessa pesquisa apontaram para a importância do uso de estratégias para mediar a relação dos adolescentes com os dispositivos eletrônicos e as redes sociais.

Em seus relatos, todas as mães mencionaram fazer uso de alguma estratégia de mediação, sendo as mais usadas: o monitoramento das redes sociais e o diálogo. A maioria das mães utiliza estratégias de ambos os tipos, restritiva e ativa. E o maior desafio apontado por elas com relação à mediação do uso dos dispositivos eletrônicos por adolescentes foi controlar o conteúdo acessado e o tempo de tela sem invadir a privacidade deles.

Os resultados dessa pesquisa também apontaram para o uso excessivo dos dispositivos eletrônicos pelos adolescentes, o que contribui para o aumento da ansiedade e para a diminuição do tempo de interação familiar. A partir dos relatos das participantes concluímos que os *smartphones* possuem um papel extremamente significativo nas vidas dos adolescentes e na dinâmica familiar, moldando a forma como se comunicam e se relacionam e, em alguns casos, quando usados de modo excessivo, representam desafios à saúde mental. Em última análise, a conectividade digital molda não apenas a maneira como percebemos o tempo, mas também influencia na aquisição da habilidade de sustentar o tempo de espera e no nível de paciência dos adolescentes. Desse modo, é importante destacar a contribuição desta pesquisa para o campo da psicologia ao fornecer novos dados em relação à mediação do uso da tecnologia pelos adolescentes, bem como os impactos do uso dos *smartphones* na vida do adolescente.

Concluímos que é de significativa importância que os responsáveis e os adolescentes estejam conscientes dos desafios do uso dos dispositivos eletrônicos, a fim de estabelecerem limites saudáveis que visem promover o equilíbrio entre as esferas online e offline. Além disso, a busca pelo uso responsável das redes sociais, a incorporação de práticas de educação digital e oferecer suporte emocional são elementos fundamentais para promover o respaldo necessário aos adolescentes neste cenário digital em constante evolução.

Por fim, destacamos a importância da realização de futuras pesquisas nessa temática, com a inclusão dos pais como participantes para investigar se existem diferenças de intervenções entre pais e mães a partir dos aspectos sociais da maternidade e da paternidade.

4. Referências bibliográficas

- Ayub, R. C. P., & Macedo, M. M. K. (2011). A clínica psicanalítica com adolescentes: especificidades de um encontro analítico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31, 582-601.
- Beyens, I., Keijsers, L., & Coyne, S. M. (2022). Social Media, parenting, and well-being. *Current Opinion in Psychology*, 47, Article 101350. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2022.101350>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, 3(2), 77-101.
- Bradley, R. H., & Caldwell, B. M. (1995). Caregiving and the regulation of child growth and development: Describing proximal aspects of caregiving systems. *Developmental Reviews*.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, 3(2), 77-101.
- Braun, V., Clarke, V., & Clarke, V. (2019). Coleta de dados qualitativos: um guia prático de técnicas textuais, midiáticas e virtuais. Petrópolis, RJ: Vozes, p.360-377.
- Buratto, R. P., & Glanzmann, J. H. (2016). Controle Parental: uma análise das principais ferramentas para monitoramento e controle dos filhos na Internet. *Seminários de Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Sistemas de Informação*, 1(1).
- Canale, N., Pivetta, E., Costa, S., Galeotti, T., & Billieux, J. (2023). Maternal technology distraction and its associations with stress and parenting during the COVID-19 pandemic. *Psychology of Popular Media*. <https://doi.org/10.1037/ppm0000463.supp> (Supplemental)
- Chen, V. H. H., & G. S. Chng. (2016). “Active and Restrictive Parental Mediation Over Time: Effects on Youths’ Self-Regulatory Competencies and Impulsivity.” *Computers & Education* 98: 206–212.
- Clark, L. S. (2011). Parental mediation theory for the digital age. *Communication Theory*, 21, 323–343.doi: <https://doi.org/10.1111/j.1468-2885.2011.01391.x>
- Collier, K., Coyne, S., Rasmussen, E., Hawkins, A., Padilla-Walker, L., Erickson, S., & Memmott-Elison, M. (2016). Does parental mediation of media influence child outcomes? A meta-analysis on media time, aggression, substance use, and sexual.
- Duek, C., & Moguillansky, M. (2020). Crianças, telas digitais e família: práticas de mediação dos pais e gênero. *Comunicação e sociedade*, (37), 55-70

- Esper, M. V. (2021). Nomofobia, adolescência e distanciamento social. *Amazônica-Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação*, 13(2, jul-dez), 394-413.
- Fontar, B., Grimault-Leprince, A. & Le Mentec, M. (2021). Dynamiques familiales autour des pratiques numériques des adolescents. *Informations sociales*, 202, 31-38. <https://doi.org/10.3917/inso.202.0031>
- Freud, S. (1905) .Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Edição Standard Brasileira das obras completas, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Freud, S. (1996). Conferências introdutórias sobre psicanálise: conferência XXI - O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XVI, p. 325-342. Rio de Janeiro: Imago. (original publicado em 1917).
- Geržičáková, M., Dedkova, L., & Mýlek, V. (2023). What do parents know about children's risky online experiences? The role of parental mediation strategies. *Computers in Human Behavior*, 141, 107626.
- Gorin, M. C., Mello, R., Machado, R. N., & Carneiro, T. F. (2015). O estatuto contemporâneo da parentalidade. *Revista da SPAGESP*, 16(2), 3-15.
- Haddouk, L. (2021). Enjeux de la parentalité à l'ère de la cyberculture et transmission des usages numériques. *Informations sociales*, 202, 12-21. <https://doi.org/10.3917/inso.202.0012>
- Hanna, P & Mwale, S. (2019). “Não estou com você, mas estou...” Entrevista face a face virtuais. Em: Braun, V., Clarke, V, Gray. D (org) (2019) Coleta de dados qualitativos: um guia prático de técnicas textuais, midiáticas e virtuais. Petrópolis, RJ: Vozes, p.360-377.
- Houzel, D.(2014). Implicações da parentalidade. In: SOLIS-PONTON, L. (org.). *Ser pai, ser mãe. Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 47-51
- King A. L. S., Valença A. M., Silva A. C. O., Baczynski T., Carvalho M. R., Nardi A. E. (2013). Nomophobia: Dependency on virtual environments or social phobia? *Computers in Human Behavior*, 29(1), 140–144.
- Lamour, M.& Barraco, M.(1998).Souffrance autour du berceau, des émotions aux soins. Paris: Gaëtan Morin.
- Lebovici, S. (2004). Diálogo Leticia Solis-Ponton e Serge Lebovici. *Ser pai, ser mãe. Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*, 21-27.
- Leroux, Y. & Leboe, K. (2015). Que peut faire un thérapeute d'adolescents avec internet ?. *Adolescence*, 333, 511-522. <https://doi.org/10.3917/ado.093.0511>

- Levandowski, D. C., Piccinini, C. A., & Lopes, R. D. C. S. (2008). Maternidade adolescente. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25, 251-263
- Lorenzon, A. J. G., Seixas, L. C., Lange, N. S., Alves, N. O., Jaeger, F. P., & Carlesso, J. P. P. (2021). Impactos do uso excessivo de redes sociais na adolescência: uma pesquisa bibliográfica. *Disciplinarum Scientia| Saúde*, 22(3), 71-82.
- Magalhães, A. S. (2021). Verbete Parentalidade. In: R. B. Levisky; M. L. Dias & D. L. Levisky (Orgs). *Dicionário de Psicanálise de Casal e Família*, p. 386-392. São Paulo: Blucher
- Maidel, S., & Vieira, M. L. (2015). Parental mediation of internet use by children. *Psicologia em Revista*, 21(2), 293-313.
- Mascheroni, G., Ponte, C., & Jorge, A. (2018). Digital parenting: The challenges for families in the digital age, yearbook 2018. Nordicom, University of Gothenburg
- Mattos, H. F., & Silva, V. A. D. (2004). Os jovens são mais vulneráveis às drogas. *Adolescência e drogas*, 31-44.
- Nathanson, A. I. (1999). Identifying and explaining the relationship between parental mediation and children's aggression. *Communication research*, 26(2), 124-143.
- Nathanson, A. I. (2001). Parent and child perspectives on the presence and meaning of parental television mediation. *Journal of broadcasting & electronic media*, 45(2), 201-220.
- Neumann, D. M. C., & Missel, R. J. (2019). Família digital: a influência da tecnologia nas relações entre pais e filhos adolescentes. *Pensando famílias*, 23(2), 75-91.
- Nicolaci-da-Costa, A. M., Romão-Dias, D., & Di Luccio, F. (2009). Uso de entrevistas on-line no método de explicitação do discurso subjacente (MEDS). *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22, 36-43.
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (2002). Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol.18, n.2, pp.193-202.<https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722002000200009>
- Notara, V., Vagka, E., Gnardellis, C., & Lagiou, A. (2021). The emerging phenomenon of nomophobia in young adults: A systematic review study. *Addiction & health*, 13(2), 120.
- Park, C. S., & Kaye, B. K. (2019). Smartphone and self-extension: Functionally, anthropomorphically, and ontologically extending self via the smartphone. *Mobile Media & Communication*, 7(2), 215–231.

<https://doi.org/10.1177/2050157918808327>

- Sampasa-Kanyinga, H., & Chaput, J. P. (2016). Use of social networking sites and alcohol consumption among adolescents. *Public Health*, 139, 88-95.
- Sales, S. S., Costa, T. M. da., & Gai, M. J. P. . (2021). Adolescentes na Era Digital: Impactos na Saúde Mental. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, 10(9), e15110917800. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i9.17800>
- Schwartz, F. T., & Pacheco, J. T. B. (2021). Mediação Parental na Exposição às Redes Sociais e a Internet de Crianças e Adolescentes. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 21(1), 217-235.
- Silva, H. L., & Della Mea, C. P. (2023). Uso de rede sociais e autoimagem em adolescentes: uma revisão narrativa. *Psicologia em Ênfase*, 4, 34-45.
- Silva, V. A. D., & Mattos, H. F. (2004). Os jovens são mais vulneráveis às drogas. *Adolescência e drogas*, 31-44.
- Smith A. (2015). U.S. smartphone use in 2015. Retrieved from <http://www.pewinternet.org/2015/04/01/us-smartphone-use-in-2015/>
- Solis-Ponton, L. (2004). Ser pai, ser mãe. Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Spizzirri, R. C. P., Wagner, A., Mosmann, C. P., & Armani, A. B. (2017). Adolescência conectada: Mapeando o uso da internet em jovens internautas. *Psicologia Argumento*, 30(69). doi:<https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/23288>
- Tana, C. M., & Amâncio, N. D. F. G. (2023). Consequências do tempo de tela na vida de crianças e adolescentes. *Research, Society and Development*, 12(1), e11212139423-e11212139423.
- Weiss, R. S. (1995). Learning from strangers: The art and method of qualitative interview studies. Simon and Schuster.
- Yildirim, C., Sumuer, E., Adnan, M., & Yildirim, S. (2016). A growing fear: Prevalence of nomophobia among Turkish college students. *Information Development*, 32(5), 1322-1331.
- Yuan, N., Weeks, H. M., Ball, R., Newman, M. W., Chang, Y. J., & Radesky, J. S. (2019). How much do parents actually use their smartphones? Pilot study comparing self-report to passive sensing. *Pediatric research*, 86(4), 416-418

4. Anexo 1- Tabela de informações das participantes

Nome	Idade	Profissão	Grau de escolaridade	Estado Civil	Idade do filho(a)	Gênero do filho (a)
Rita	48	Psicopedagoga	Ensino superior completo	Casada	14	Masculino
Maria	49	Engenheira de telecomunicações	Ensino superior completo	Casada	15	Masculino
Júlia	46	Fotógrafa	Ensino superior completo	Casada	15	Masculino
Lúcia	42	Fisioterapeuta	Ensino superior completo	Casada	15	Feminino
Vera	45	Arteterapeuta	Pós-graduação	Casada	14	Masculino
Carla	52	Arquiteta	Pós-graduação	Casada	16 e 16	Feminino e Maculino
Lara	55	Publicitária	Pós-graduação	Casada	14	Masculino
Joana	54	Empresária	Ensino superior completo	Casada	15	Feminino

Anexo 2 - Roteiro de entrevistas semiestruturadas

Ficha: Dados de identificação e de uso da internet

1. Nome Completo
2. Idade
3. Ocupação/Profissão
4. Grau de escolaridade
5. Estado Civil
6. Quantidade de filhos
7. Idade do(s) filho(s)
8. Grau de escolaridade dos filhos
9. Quantidade de aparelhos disponíveis?
10. Quantidade de tempo disponível para usar a internet (banda larga livre ou limitada)
11. Quais são as redes sociais digitais que seu filho utiliza? Você também tem um perfil nessas redes? Tem familiaridade com elas? Você segue seus

filhos nessas redes? Acompanha ela(e) nessas redes? (segue, comenta, você é amigo dele no insta?)

12. O seu filho/ sua filha deixa você ser “amigo”/seguir ele nessas redes?

13. Faz uso de jogos online? São jogos multiusuários?

Abertura: O que você pensa sobre o uso dos dispositivos eletrônicos pelos adolescentes? E pelo seu filho (a)?

1- Eixo parentalidade

1) Como é a relação do(s) seu(s) filhos? E com os conteúdos da internet?

2) Existe alguma preocupação sua em relação aos conteúdos impróprios ou inadequados que seu filhos pode acessar?

3) Você acha que a tecnologia influencia na criação do seu filho? De que forma?

4) A tecnologia facilita ou dificulta os cuidados com os filhos? Como?

5) Quais são os desafios em relação à criação dos filhos em meio aos avanços da conectividade digital e diante do maior acesso à internet?

2- Eixo mediando o encontro de adolescentes com o conteúdo digital

1) Você orienta seu filho com relação ao uso da internet? Como você realiza essa orientação? (Controle de horas, conteúdos, o que ele posta...). Em que contexto ela acontece? Quais os efeitos dessa orientação?

2) Já houve algum conflito entre você e seu filho por conta do uso da internet? Como foi essa situação? Como você acha que poderia evitá-la?

3) Você faz uso da internet diante dos seus filhos?

3- Eixo impactos no sistema familiar

1) Você considera que a conectividade digital modifica a dinâmica familiar?

- 2) Existem regras específicas sobre quando se pode usar os aparelhos eletrônicos nos momentos em família? Se sim, quais são? Por quais motivos e como essas regras foram criadas?
- 3) Como vocês usam a tecnologia entre si? (troca de mensagens, posts, memes..)

Anexo 3- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Parentalidade e mediação parental no uso da tecnologia

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Departamento de Psicologia

Tema de pesquisa: Parentalidade e mediação parental no uso da tecnologia

Nome do pesquisador responsável: Daniela Seraphim Gonçalves

Contatos do pesquisador responsável: E-mail - -danielaseraphim@hotmail.com | Tel - (21)98833-1726

Nome da pesquisadora orientadora: Andrea Seixas Magalhães

Contatos da pesquisadora orientadora: E-mail - andreasm@puc-rio.br | Tel - Tel: (21) 99693-0442

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa sobre Parentalidade e mediação parental no uso da tecnologia, desenvolvida por Daniela Seraphim Gonçalves, mestrande do Programa de pós-graduação em Psicologia Clínica da

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. O objetivo central da pesquisa é investigar a prática da parentalidade diante da conectividade digital permanente e intensa gerada pelos avanços tecnológicos na contemporaneidade. Você tem autonomia para decidir se deseja ou não participar, bem como interromper sua participação a qualquer momento do estudo, não sendo penalizada de forma alguma.

A confidencialidade e a privacidade das informações, por você relatadas, serão mantidas, por meio de nomes fictícios na divulgação dos resultados para a dissertação e futuros artigos. Caso deseje informações acerca da sua contribuição e/ou sobre o estudo, você poderá entrar em contato com essa pesquisadora a qualquer momento, através meios de contato ilustrado neste Termo. Você precisará responder para a pesquisadora perguntas de um roteiro de entrevista de aproximadamente uma hora acerca do tema proposto. É necessária sua autorização para que a entrevista seja gravada, transcrita e armazenada em arquivo digital.

Rubrica do participante da pesquisa

Rubrica do pesquisador

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Parentalidade e mediação parental no uso da tecnologia

Somente a pesquisadora terá acesso ao material completo e esse material permanecerá guardado por pelo menos cinco anos, tendo em vista a Resolução 510/2016.

A entrevista pode gerar alguma mobilização emocional. Caso haja desconforto emocional que gere uma maior mobilização durante a entrevista, a pesquisadora estará apta a manejar a situação e/ou para interromper a entrevista,

se assim for mais adequado. Além disso, a pesquisadora poderá sugerir o encaminhamento psicológico sem custo para você.

Ao participar desse estudo você estará agregando para o conhecimento científico para que profissionais das ciências humanas e sociais possam ampliar seus conhecimentos e refinar suas práticas profissionais junto a esse perfil de participantes. É importante destacar que você não receberá nenhum benefício direto ou remuneração por participar dessa pesquisa, bem como não terá nenhum tipo de despesa. Ao participar do estudo, você terá, ainda, a possibilidade de fazer reflexões acerca da mediação parental no uso da tecnologia, assim como receber um retorno com os resultados da pesquisa, se for do seu interesse. Você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável e com sua orientadora para quaisquer informações sobre a pesquisa. O canal para as dúvidas éticas que ocorrerem o Comitê de Ética em Pesquisa UNISUAM pode ser consultado. O endereço é Rua Dona Isabel, 94, Bairro Bom Sucesso, Rio de Janeiro, RJ. Cep: 21.032-060. Tel: (21)3882-9797 (Ramal: 9943). E-mail comitedeetica@souunisam.com.br. Esta pesquisa está baseada nas Resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 466, de 12 de dezembro de 2012, e nº 510, de 7 de abril de 2016, que regem as normas reguladoras das pesquisas envolvendo seres humanos no país.

Após essas elucidações, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. O Termo de Consentimento é assinado em duas vias, sendo uma entregue ao participante e a outra à pesquisadora. Assinando este termo, você está autorizando o uso das informações prestadas em ensino, pesquisa e publicação, Rubrica do participante da pesquisa Rubrica do pesquisador sendo preservada sua identidade e a dos membros da sua família, conforme mencionado anteriormente. Fui informado acerca do estudo acima referido e compreendi seus objetivos. Qualquer dúvida que tenha surgido foi esclarecida pela pesquisadora. Estou assinando voluntariamente este termo, o que aponta que estou de acordo em participar dessa pesquisa

Rubrica do participante da pesquisa

Rubrica do pesquisador



Parentalidade e mediação parental no uso da tecnologia

Autorizo a gravação da entrevista:

() Sim () Não

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

Daniela Seraphim Gonçalves

Pesquisadora